

UNIVERSIDADE

FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL



Instituto de Física



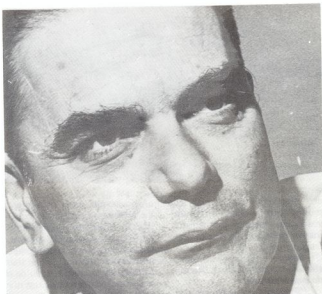
1935:

A Exposição
do Centenário
Farroupilha

Ano 1 - Número 1
Agosto/Setembro 1982

A Universidade Deve Ensinar a Criar

Cumprindo o seu segundo mandato à frente da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, e sendo ex-presidente da Câmara Especial de Pós-Graduação e Pesquisa, o professor Gerhard Jacob se diz desiludido com a lei 85.487, que regulamentou a ascensão na carreira do magistério. Entende que a mesma é um desestímulo à pós-graduação, que apenas aumentou o salário dos professores sem exigir maior qualificação acadêmica. Gerhard, que também é coordenador científico dos convênios Brasil-República Federal da Alemanha para colaboração científica e tecnológica, e consultor científico do CNPq, entende que a pesquisa desenvolvida na Universidade não tem como objetivo resolver os problemas nacionais, mas formar recursos humanos para a solução de problemas futuros. Nesta entrevista, o professor detalha o seu pensamento a respeito da pesquisa e da pós-graduação no âmbito da UFRGS e do país.



Qual a situação da pesquisa na UFRGS; qual o nível da pesquisa?

"A qualidade da pesquisa vai de excelente, nível internacional, até bastante fraca. Mas, existe na Universidade a Câmara Especial de Pós-Graduação e Pesquisa, que se preocupa com a qualidade e procura orientar, e isso é muito importante, de modo a que se procure alcançar sempre um nível internacional em qualquer tipo de pesquisa que seja feita em nosso meio. É importante, hoje em dia, que se entenda o que é nível internacio-

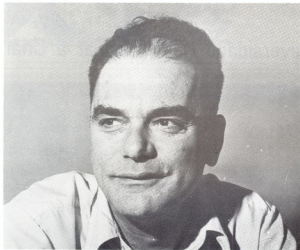
nal. Nível internacional não significa pesquisa atrelada ao exterior, como se costuma propagar por aí, mas que o nível desta pesquisa seja internacionalmente reconhecido. Um exemplo bem típico: História do Brasil. É especificamente de interesse do Brasil, mas o nível desta pesquisa pode ser internacional: pode ser publicado em qualquer revista de qualquer lugar do mundo."

Dentre os nossos cursos de nível internacional, quais os que mais se destacam?

"É muito difícil, obviamente, na minha posição, explicitar isto. Certamente têm nível internacional, publicam internacionalmente,

os cursos de nível de doutorado da Universidade. E eu, sem querer que a ordem signifique alguma coisa, colocaria Genética, Física e Geologia como os que mais se destacam. Por serem ativos, por terem tradição, por realmente publicarem em nível internacional. E aí cabe mais uma observação. Há uma outra coisa que muito bem caracteriza nível internacional: é citação dos trabalhos em outras revistas. Muitas vezes os trabalhos que não são publicados são citados; são dados como referência por outros pesquisadores em seus trabalhos. Isto significa que estes trabalhos são conhecidos na literatura internacional. Isto ocorre

Nem sempre é interessante transformar bons cursos de especialização em cursos de mestrado. O resultado pode ser diferente do pretendido.



com freqüência na Geologia, que muitas vezes publica — por motivos vários — apenas internamente, mas os trabalhos são citados internacionalmente.”

Quantos cursos nós temos atualmente em nível de Doutorado e de Mestrado?

“Em nível de Doutorado cinco, todos credenciados pelo Conselho Federal de Educação. Em nível de Mestrado são 30, incluindo esses cinco que também tem Mestrado.”

Por que é que o Curso de Pós-Graduação em Psiquiatria foi incluído entre os piores do Brasil?

“A CAPES utilizou algumas variáveis para classificar os cursos; uma delas foi o número de egressos. Houve na minha opinião, um lapso da CAPES ao não verificar que não houve egressos deste curso porque ele é muito novo (só tem, de fato, dois anos). Não houve tempo ainda de formar pessoal e também de se firmar como um curso de bom nível. Aliás, deve-se

aí, novamente, fazer uma referência à Câmara Especial de Pós-Graduação e Pesquisa que, quando há dois ou três anos atrás aprovou o curso, alertou os organizadores, pois teve muitas dúvidas em transformar um excelente curso de especialização, que era de um nível muito bom mesmo — tranqüilamente o melhor curso de especialização do Brasil — num curso de mestrado. A Câmara teve sérias dúvidas ao aprovar o curso: não pela qualidade das pessoas, mas pelo número, pois eram (e são) muito poucas as pessoas envolvidas em pesquisa nesse curso de mestrado em Psiquiatria. E acho que isto agora está se refletindo. Não concordo inteiramente com o “E” que a CAPES deu, mas vejo muito bem as razões pelas quais ela deu o “E”: as finalidades de um curso de mestrado são muito diferentes das de uma especialização.”

Qual o futuro dos cursos de

pós-graduação fracos que existem na Universidade?

“O futuro destes cursos é paulatinamente se transformarem em cursos de especialização. Especialmente agora, quando, com a nova legislação sobre o ensino superior, praticamente não mais se dará valorização alguma aos títulos obtidos e à pesquisa realizada; terminaram os incentivos à pesquisa e à titulação, em vez de aumentar seu valor. Eu só vejo uma coisa positiva nisso: é que agora vai cursar Mestrado ou Doutorado, ou vai fazer pesquisa, só quem realmente o deseja, quem tem real motivação para tal. Então não há mais necessidade de a gente manter cursos de nível duvidoso só para dar oportunidade aos docentes ociosos e de outras universidades a obterem um grau.”

O que representa para a pesquisa esta determinação?

“Acho que é um desestímulo à pesquisa. Realmente desestimula a pesquisa. Mas o que vejo de positivo é que aqueles que vão fazer a pesquisa são só os que realmente estão motivados para tal. Quem não quer fazer, não vai mais fazer; não há incentivo externo.”

E isto não poderá ser prejudicial a longo prazo?

“Vai ser, vai ser altamente prejudicial à Universidade, à qualidade do ensino, e obviamente ao papel inovador, criador, que o professor da Universidade deve desempenhar.”

E então, em termos futuros?

“Em termos futuros eu não estou muito otimista em relação à qualidade da Universidade. Não estou.”

Passando para um âmbito mais amplo, de um modo geral, como vai a pesquisa a nível de Brasil como um todo, não só da nossa Universidade?

“Eu acho que vai da mesma forma que na nossa Universidade.

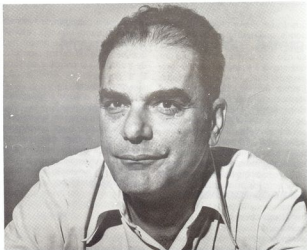
A UFRGS é um reflexo da situação nacional. Ela constitui uma média. Na USP, na UFRJ e na UNICAMP a pesquisa não está nem melhor nem pior do que na nossa Universidade: em qualidade não há diferença significativa. Em algumas áreas nós temos melhor qualidade, e em outras aquelas universidades se destacam mais."

Qual o aproveitamento prático de todo este trabalho de pesquisa que é desenvolvido a nível de Mestrado e de Doutorado?

"Aqui eu entro numa área em que divirjo seriamente de um grande número de pessoas. A pesquisa na Universidade é pesquisa que não deve se preocupar em absoluto com ter ou não ter aproveitamento prático. Ter ou não resultado econômico. A pesquisa na Universidade deve ser feita unicamente para o avanço do saber, ou a criação artística, ou a criação literária. Para mim não há nenhuma diferença entre a criação artística e a pesquisa. As finalidades têm que ser as mesmas, criar. Criar arte, criar ciência, criar literatura, etc., sem nenhuma preocupação com qualquer aproveitamento prático. A razão primeira para isso é que na Universidade deve existir o ambiente que permita às pessoas (professores e alunos) se prepararem para enfrentar problemas no futuro, que no presente nem se sabe quais serão. E atividade criadora desta natureza não traz resultados práticos."

Mesmo que às vezes seja investida uma certa quantia, e o trabalho acabe sendo engavetado?

"Não, eu não disse isto. Eu não disse que o trabalho deva ficar engavetado. Se há um trabalho que possa resultar em aplicação prática, por que não fazê-lo? Ótimo, ótimo. Mas não deve ser este o fim. A finalidade da pesquisa deve ser o avanço do conhecimen-



to. Se isto resultar em alguma coisa prática, e muitas vezes resulta, ótimo. Melhor ainda. Mas não é esta a finalidade da Universidade. Esta é a finalidade de institutos de pesquisas, como a Cientec aqui no Estado, como o Instituto de Pesquisas Energéticas, em São Paulo, e de vários institutos que existem por aí, que foram criados pelo governo para se preocupar em resolver problemas que resultem num benefício econômico. À Universidade cabe formar o pessoal para essas atividades. E para formar bem este pessoal é necessário que haja pesquisa. E pesquisa sem nenhuma preocupação com aplicações. Com a única finalidade de criar um ambiente onde se pensa e se ensina o pensar independente."

Mas com esta preocupação não se uniria o útil ao agradável?

"Não, eu acho que não deve existir esta preocupação, porque ela pode desvirtuar a pesquisa na Universidade. Ela pode fazer com que a pesquisa fique atrelada aos

interesses econômicos, e isto seria a morte da Universidade. Porque então a Universidade iria se preocupar em resolver os problemas atuais do país, sem se preocupar com a sua finalidade primordial, que é formar gente, formar recursos humanos, para resolver os problemas do futuro. E estes recursos humanos que a Universidade forma, estes sim devem resolver os problemas do país."

Quais os projetos que o senhor destaca como os mais relevantes que estão sendo desenvolvidos na Universidade?

"É muito difícil de dizer. Existem muitos trabalhos de pesquisa a nível internacional, conforme já falei antes, e não se pode misturar feijão com milho, para ser bem claro. Uma pesquisa na Física não se pode comparar com uma pesquisa na Genética. São coisas diferentes, e por isto não dá para destacar esta ou aquela. Por exemplo, poderiam achar que eu iria destacar três novas qualidades de aveia

O Decreto 85.487, de 1980, aumentou os salários dos professores sem exigir contrapartida em termos de qualificação. E isto pode ser ruim.

que foram desenvolvidas na Agro-nomia, que resultaram de uma pesquisa básica, o que é ótimo. Mas eu não vou destacar isto como um dos grandes avanços, não! É uma pesquisa boa, que resultou em algo prático, mas nem por isto ela deve ser destacada do ponto de vista da Universidade. Do ponto de vista do Estado do Rio Grande do Sul ela foi destacada. Pois muito bem. Acho que está ótimo e inclusive dei o meu apoio. Mas do ponto de vista da Universidade foi uma pesquisa como qualquer outra, cuja característica primordial foi ser de boa qualidade, e formar recursos humanos qualificados."

Diante desta nova legislação que acaba com todo incentivo à pesquisa, o que o senhor aconselharia a ser feito a nível de Universidade?

"Eu acho que a Universidade deve se defender desta legislação, e exigir que seja dado muito valor em qualquer concurso para admissão à carreira do magistério universitário ao trabalho de pesquisa que o candidato tenha desenvolvido. É a única maneira pela qual a Universidade pode se defender, e manter eventualmente o nível que ela tem."

Isto vai determinar uma redução nos cursos de Mestrado?

"Acredito que sim. Já ouvi de outros lugares — de momento não tenho dados aqui da Universidade — que houve uma diminuição na procura de vagas. E mais, houve muita gente que simplesmente saiu do curso de pós-graduação. Como se ouve dizer por aí: Eu não preciso mais disto. Para que vou me matar se vou progredir na carreira do magistério da mesma forma? De fato, a nova legislação não exige produção científica nem titulação para progredir na carreira. Então o que a Universidade deve fazer para se defender disto, é deter-

minar que a passagem de Assistente para Adjunto não seja automática após determinado tempo, mas que dependa de certos requisitos de titulação e produção científica. E a passagem de Auxiliar para Assistente idem."

Isto é a própria Universidade que pode determinar?

"Sim, é a própria Universidade que pode determinar, através de seus órgãos legislativos e normativos. E pode utilizar também uma coisa que acho que tem de bom na lei, e que é a seleção por títulos. Quer dizer, preencher vagas levando em conta unicamente os títulos da pessoa. Títulos significam: graus acadêmicos e produção intelectual."

Em suma, esta lei é uma regressão?

"Certo. É um desestímulo. Havia antes o incentivo funcional

para quem obtivesse Mestrado, para quem obtivesse Doutorado, e um incentivo para produção científica. Isto tudo acabou. Não existe mais."

E é fato consumado?

"Sim, é um Decreto de 1980, de número 85.487. As finalidades principais do Decreto foram enquadrar os colaboradores e modificar a carreira e os níveis salariais dos professores. O único incentivo à pesquisa que o decreto trouxe foi o aumento do percentual de gratificação de dedicação exclusiva. E aumentou o salário de todo o magistério autárquico, inclusive o meu."

Quer dizer, aumentou o salário sem precisar ter maior qualificação?

"Exatamente, exata e precisamente."

